



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO
DE ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)
LETRAS, ARTES E MEDIAÇÃO CULTURAL**

TRAJETÓRIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE SUÍTE NÚMERO 02:

Processo Criativo da Atriz

JOELMA DE BRITO

Foz do Iguaçu

2022



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

LETRAS, ARTES E MEDIAÇÃO CULTURAL

TRAJETÓRIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE SUÍTE NÚMERO 02:

Processo Criativo da Atriz

JOELMA DE BRITO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras, Artes e Mediação Cultural.

Orientadora: Angelene Lazzareti

Co-orientador: André de Souza Macedo

Foz do Iguaçu

2022

JOELMA DE BRITO

TRAJETÓRIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE SUÍTE NÚMERO 02:

Processo Criativo da Atriz

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras, Artes e Mediação Cultural.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Angelene Lazzareti - UNILA

Co-orientador: Ms. André de Souza Macedo - UNILA

Profa. Dra. Cristiane Checchia -UNILA

Prof. Dr. Fabio Guilherme Salvatti - UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): JOELMA DE BRITO

Curso: Letras, Artes e Mediação Cultural

		Tipo de Documento
(x) graduação	(.....) artigo	
(.....) especialização	(x) trabalho de conclusão de curso	
(.....) mestrado	(.....) monografia	
(.....) doutorado	(.....) dissertação	
	(.....) tese	
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais	
	(.....)	

Título do trabalho acadêmico: TRAJETÓRIAS PARA CONSTRUÇÃO DE SUÍTE NÚMERO 02:
Processo Criativo número 02

Nome do orientador(a): Profa. Dra. Angelene Lazzareti

Nome do Co-orientador: André de Souza Macedo

Data da Defesa: 02/08/22

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública [Creative Commons Licença 3.0 Unported](#).

Foz do Iguaçu, 24 de setembro de 2021

Assinatura do Responsável

Para minha família e todas as famílias que me acolheram, meus professores e mestres que me ensinaram o quanto a educação e os saberes populares e tradicionais são transformadores. Com muito respeito e carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente pela oportunidade de estar aqui e agora realizando mais um dos meus sonhos, ao universo e todas as pessoas que estiveram comigo nesta trajetória que me possibilitaram e permitiram esta realização.

Em especial a minha orientadora Angelene Lazzareti, por sua generosidade e dedicação em compartilhar seus saberes comigo, acreditar e confiar em mim, com suas palavras incentivadoras. Ao meu co-orientador André Macedo por não desistir de mim e sempre me fazer acreditar que eu sou capaz e dou conta das coisas que ele sempre me incentivou a fazer.

Agradeço a professora Cristiane Checcia e o professor Fabio Salvatti por aceitarem o convite para a banca examinadora.

Agradeço também ao Gabriel Rezende por aceitar o convite do André Macedo para fazer parte do projeto na montagem do monólogo “*Suíte número 02*”, dando um outro andamento ao espetáculo, agora um duo, que ficou muito mais poético e sensível aos olhos e aos ouvidos de todxsss.

Não poderia deixar de agradecer à Unila, Universidade da Integração Latino Americana, todo o corpo docente e funcionários que a fazem existir e persistir. Por todo o conhecimento e a experiência, única e incrível, de vida que pude compartilhar com diversas e distintas pessoas. Não vou mencionar nomes pois não conseguiria lembrar de todos e sem nenhuma distinção todos foram igualmente importantes nesta minha caminhada... se faltasse qualquer pessoa eu não conseguiria terminar esta trajetória.

*As pessoas não ficam velhas,
quando param de crescer é que envelhecem.*

Autor desconhecido

BRITO, de Joelma. TRAJETÓRIAS PARA CONSTRUÇÃO DE SUÍTE NÚMERO 02: Processo Criativo da Atriz. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras, Artes e Mediação Cultural) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMO

Este trabalho trata-se de um memorial descritivo do processo de criação artística da atriz Joelma de Brito na construção do espetáculo teatral Suíte número 02, escrito por Afonso Nilson e dirigido por André de Souza Macedo. O espetáculo trata da história de uma musicista violoncelista, em um período específico de sua vida no qual está sozinha encarando a chegada do tempo e da debilidade física. Questões como abandono, amor, maternidade, memória, imobilidade, desejos, traição e esperança são as principais pulsões dramáticas. Neste memorial descritivo constam os trajetos vivenciados pela atriz na construção cênica com o aporte de pensadores das áreas das artes cênicas, educação e da psicologia, como André Macedo, Eleonora Fabião, Mirna Spritzer, Cristina de Oliveira Pacheco, Antonio Carlos Nantes e Ecléa Bosi.

Palavras-chave: Teatro, Processo criativo, Suíte número 02

RESUMEN

Este trabajo es un memorial descriptivo del proceso de creación artística de la actriz Joelma de Brito en la construcción del espectáculo teatral Suite número 02, escrito por Afonso Nilson y dirigido por André de Souza Macedo. El espectáculo trata sobre la historia de una musicista violonchelista en un período específico de su vida en el que se encuentra sola frente a la llegada del tiempo y de la debilidad física. Temas como el abandono, el amor, la maternidad, la memoria, el inmovilismo, los deseos, la traición y la esperanza son los principales impulsos dramáticos. Este memorial descriptivo contiene los caminos vividos por la actriz en la construcción escénica con la contribución de pensadores de las áreas de las artes escénicas, educación y psicología, como André Macedo, Eleonora Fabião, Mirna Spritzer, Cristina de Oliveira Pacheco, Antonio Carlos Nantes y Ecléa Bosi .

Palabras clave: Teatro, Proceso creativo, Suíte número 02

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cartaz “A menina sem Palavra”, 2015.....	18
Figura 2 – Espetáculo “Carícias”, 2016.....	18
Figura 3 – Espetáculo “Ópera do Malandro”, 2017.....	20
Figura 4 – Espetáculo “Gabriela”, 2019.....	20
Figura 5 – Cartaz Espetáculo “Gabriela”, 2018.....	21
Figura 6 –Panfleto Coral TODOCANTO, 2018.....	22
Figura 7 – Cartazes Baile Latino, 2018-2019.....	23
Figura 8 – Apresentação Inti Raymi, 2022	25
Figura 9 – Grupo MILPA, 2019.....	26
Figura 10 – Cartaz “Suíte Número 02”, 2022.	29
Figura 11 – Atriz “Suíte Número 02”, 2022.....	39
Figura 12 – Atriz, “Suíte Número 02”, 2022.....	42
Figura 13 – Atriz “Suíte Número 02”, 2022.....	47
Figura 14 – Atriz, “Suíte Número 02”, 2022.....	51
Figura 15 – Atriz e Diretor “Suíte Número 02”, 2022.....	55
Figura 16 – Joelma e Gabriel “Suíte Número 02”, 2022.....	57

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. O ESPETÁCULO SUÍTE NÚMERO 02.....	27
2.1 Considerações Iniciais.....	27
2.2 O autor	30
2.3 Pequenos Monólogos para Mulheres.....	30
2.4 O Texto na íntegra.....	31
2.5 Johann Sebastian Bach.....	34
3. PROCESSO DE CRIAÇÃO DETALHADO.....	38
3.1 Análise do texto e processo criativo da atriz.....	38
3.2 Diálogos entre diretor e atriz.....	53
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
5. REFERÊNCIAS.....	62

1.INTRODUÇÃO

São Paulo da Garoa, São Paulo que terra Boa ...

Nasci na terra da Garoa. Garoa pra mim sempre foi motivo de festa. Quando nasci, disseram que já nasci sorrindo, sempre fui muito alegre e sorridente. Minha família é da Bahia, meus avós e minha mãe. Os baianos dizem que quando as crianças nascem é uma estréia e que mesmo antes de aprender a andar já começam a dançar. Sempre me senti assim estreando a cada dia e sempre bailando na vida e para a vida.

Quando criança sempre brincava na garoa/chuva com meus primos. Minha infância foi na casa dos meus avós, com minhas tias(os), primas(os). A casa estava sempre cheia. Meu avô era fotógrafo e sempre tinha muitas pessoas transitando pelo quintal de casa também. Meu avô tocava violão e cresci ouvindo suas canções, dançando e brincando muito com todos. Minha infância foi muito rica. Fui realmente muito criança, brincava o dia todo. Eu e meus primos inventávamos uma brincadeira após a outra. Minha avó chamava para as refeições e sempre brincávamos mais um pouquinho antes de entrar, muitas vezes ela precisava chamar algumas vezes.

Eu fui a primeira neta, meus avós eram um chamego só com a Joelma . Eu ficava a semana toda brincando, mas ansiosa aguardando o fim de semana - quando minha mãe voltava para casa. Ela trabalhava em casa de família e ficava a semana toda lá, quando ela chegava era uma festa. Muita dança, cantoria, doces e às vezes presentes/brinquedos. Fora quando eu aprontava alguma coisa, era muito sapeca, arteira, subia nas árvores, corria atrás de pipa, descia as ladeiras com carrinho de rolimã e às vezes me machucava. Este foi um momento muito feliz da minha vida. Só pensava em brincar e brincar. Quando fiz 10 anos fui morar com minha mãe. A saúde da minha avó era bem delicada, ela sofria muito com as crises de bronquite e meus avós resolveram voltar para a Bahia.

Na escola, eu fugia das aulas de educação física quando tinha que fazer alguma atividade com bola, era um desafio muito grande estar em quadra para os jogos coletivos, só gostava das aulas com música e dança. Sempre estava envolvida nos eventos festivos da escola, participava dos concursos de dança, música e numa ocasião até ganhei uma boneca do meu tamanho. Foi sensacional a emoção, parecia

que o coração ia sair pela boca. Fiquei muito feliz. Gostava muito de estudar e ir para a escola, mas comecei a trabalhar aos 15 anos para ter meu dinheiro e comprar as coisinhas que julgava necessárias naquele momento. Trabalhava em uma loja de roupas infantis onde minha tia também trabalhava. Foi uma experiência muito boa, percebi que gostava de trabalhar com pessoas. Trabalhei na empresa Pão de Açúcar, rede de supermercados de São Paulo, num período temporário de final de ano. Fiz uma entrevista para uma proposta de emprego na secretaria do Colégio Objetivo e trabalhei um ano na empresa. Estava muito difícil conciliar o trabalho com os estudos, então pedi demissão e fui trabalhar meio período na área administrativa do Banco Itaú. Foi uma empresa muito boa para trabalhar, eu participava dos programas de preparação para os esportes. Fazia triathlon, corria, nadava e andava de bicicleta. Eu já gostava muito de nadar e andar de bicicleta e aprendi muito com os treinos de atletismo. Que saudade, foi um tempo muito bom. Participei também de um concurso que o Itaú realizava. Miss Itaú, que emoção.

Participei duas vezes e na segunda tive uma surpresa, em um dos ensaios passei mal e, no ambulatório, o médico disse para eu procurar a ginecologista - ele desconfiava que eu estivesse grávida. Siiii, estava grávida! Foi um ano um pouco turbulento. Terminei o ensino médio com um barrigão de 8 meses. Em janeiro do ano seguinte ganhei o presente, meu primeiro filho. Mãe de primeira viagem com várias questões pessoais e familiares para resolver. Não quis casar com o pai do meu filho e foi um desespero para minha mãe. Dois anos depois conheci o pai das minhas filhas, Vanessa e Giulianna. Fui mãe em tempo integral. Deixei os estudos de lado, pedi demissão do Banco Itaú e fiquei em casa o tempo todo com as crianças. Nunca tinha imaginado que iria gostar tanto da maternidade. Meus filhos começaram a andar e eu já os levava para passear.

Nos parques, praças, circo, teatro, cinema, zoológico, praia, sempre nos organizamos para as programações do fim de semana. Sempre juntos em várias atividades. Como sempre gostei de dançar e cantar, intuitivamente fui passando esse gosto para os meus filhos. Incentivava todas as atividades, capoeira, futebol, ballet, vôlei, basquete, natação, dança de salão, teatro, canto. Eu fazia capoeira e eles iam comigo. Eu fazia dança de salão e eles iam comigo. Foram aprendendo a gostar também, nos divertíamos muito. Participamos de uma academia de dança de salão e todos dançavam muito. A Giulianna participava de um grupo de dança contemporânea, o

projeto Guri de Música, e eu sempre a acompanhava. Nesta época ela já estudava no SESI São Paulo e queria fazer teatro, mas com uma turma mais avançada, e o professor disse que ela poderia participar se eu participasse também, e começamos a fazer teatro juntas no SESI. Gostei muito da experiência. Nesta época, prestei um concurso na Secretaria da Saúde e queria conciliar o trabalho com a família. Trabalhava meio período. Deixava as crianças na escola e ia para o trabalho, na volta, pegava as crianças e íamos para casa.

Quando já estavam independentes voltei a pensar nos meus estudos. Fiz um cursinho preparatório para o vestibular, as aulas eram sábado e domingo, o dia todo, bem cansativo, mas estava feliz por voltar a estudar. No ano seguinte me inscrevi novamente e fiz o curso à noite. Agora, o problema era driblar o sono, nunca tinha estudado à noite, mas sobrevivi e prestei o vestibular. Fiz o vestibular para pedagogia na faculdade Sumaré que era bem próximo do meu trabalho na Secretaria da Saúde e consegui conciliar os estudos com o trabalho. Era um período de super jornada: filhos, casa, trabalho, faculdade. Os gastos eram muito maiores do que os ganhos e não consegui mais pagar as mensalidades da faculdade. Desisti mais uma vez dos estudos, sabia que teria que esperar mais um pouco.

Me dediquei ao máximo com os filhos e no trabalho. Como morávamos em apartamento e gostávamos de sair nos finais de semana, às vezes combinava com alguns amigos da escola ou do trabalho e saíamos em “bando”. E sem perceber e nem me dar conta do que estava acontecendo (porque era uma coisa bem espontânea e natural para mim) quando via, já estava organizando eventos com os amigos dos meus filhos, as suas famílias, meus amigos e colegas de trabalho, levando grupos para os mais diversos eventos culturais: teatro, circo, exposições, cinema, espaços como o Teatro Popular do SESI, Memorial da América Latina, no Centro Cultural Banco do Brasil, Caixa Cultural, Itaú Cultural, MIS, Theatro Municipal, Sala São Paulo, com visitas guiadas e monitoradas. A proporção de pessoas foi crescendo, eu comecei organizando passeios com minha família e já estava organizando eventos para 40, 50, 60, 70, 80 e até 90 pessoas no teatro popular do SESI, na ocasião das comemorações do centenário de Nelson Rodrigues, com os espetáculos “A Falecida” e “Boca de Ouro”. Nesta época morávamos em um bairro da zona Oeste e eu participava de um grupo da melhor idade como voluntária para auxiliar nas atividades de caminhada e corrida. Organizava também os passeios para

o grupo em sítios, chácaras, bailes, teatro, cinema, estes eventos eram muito animados também.

Em 2014 minha filha menor estava se preparando para fazer o ENEM e me incentivou a fazer também. Fizemos a prova juntas. Ela me apresentou à UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana) e contou que tinha interesse em concorrer a uma vaga para o curso de Cinema e Audiovisual. Foi o que ela fez e para o nosso desespero, aos 17 anos e emancipada, ela colocou uma mochila nas costas pegou o seu violão e foi para Foz do Iguaçu, no Paraná. Em março, mês do meu aniversário, a Giulianna me ligou e disse que tinha um curso na UNILA que tinha uma grade curricular que com certeza eu iria gostar, e comentou que com minha nota do ENEM eu poderia concorrer a uma vaga no curso de Letras - Artes e Mediação Cultural (LAMC). No dia primeiro de abril, dia da mentira, falei para minha família e todos achavam que eu estava “pregando uma peça” por causa da data, mas no dia 05 de abril de 2015 já estava matriculada na UNILA e era caloura do curso de LAMC.

Cheguei na UNILA, a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, que foi criada pela Lei n. 12.189/2010 e é um órgão de natureza jurídica autárquica, vinculada ao Ministério da Educação. A instituição está sediada na cidade de Foz do Iguaçu, localizada no extremo Oeste do Paraná, na Região Trinacional formada por Brasil, Argentina e Paraguai, sendo o principal polo econômico da Região. De acordo com a página oficial da instituição¹, a vocação da universidade é o intercâmbio acadêmico e a cooperação solidária com países integrantes do Mercosul e com os demais países da América Latina. Os cursos oferecidos são de áreas de interesse mútuo dos países da América Latina, sobretudo dos membros do Mercosul, em áreas consideradas estratégicas para o desenvolvimento e a integração regionais. O Projeto Pedagógico da UNILA está estruturado com uma organização inovadora e uma concepção acadêmico-científica aberta aos avanços científicos humanísticos e culturais atuais e futuros. A Universidade está comprometida com o destino das sociedades latino-americanas, cujas raízes estão referenciadas na herança da Reforma Universitária de Córdoba (1918), mas com uma perspectiva voltada para a construção de sociedades sustentáveis no século 21, fundadas na identidade cultural e orientadas para o desenvolvimento econômico, para a justiça social e para a sustentabilidade

¹ Informações coletadas em: <https://portal.unila.edu.br/institucional> Acessado em junho de 2022.

ambiental. Me vi em meio a um caldeirão fervendo e em constante ebulição: tantos saberes, culturas, tradições, línguas que se cruzavam nos corredores e salas de aula da UNILA-Centro.

Minha filha me recebeu numa hospedagem solidária, um apartamento na praça da Marinha, próximo a praça da Paz, centro de Foz do Iguaçu. Uma república com calouros de diversos lugares e de diversos cursos: Cinema, História, Música, Antropologia, uma diversidade só, a cara da UNILA. Durante a recepção dos calouros, dentre várias atividades na Universidade, também foram incluídos os passeios aos pontos turísticos de Foz. Como cheguei depois desse evento, minha filha e alguns amigos me apresentaram alguns desses espaços, como as Cataratas do Iguaçu, o Parque das Aves, O Marco das Três Fronteiras, a tia do shawarma, outro ponto de encontro de toda comunidade unileira (o melhor shawarma de Foz), o Bosque Guarani, o passeio panorâmico na Usina de Itaipu, o PTI e a feirinha da JK, ponto de encontro semanal aos domingos pela manhã. Nos finais de semana não podia faltar o encontro na feirinha. O pastel e o caldo de cana, as esfihas de espinafre e chicória na tenda das árabes, a melhor de todas. Nos diversos espaços da feira sempre havia uma atração cultural: performance artística, música, dança, teatro e circo. O ponto de encontro das artes e dos amantes das artes.

Assisti a apresentações musicais com os alunos e professores do curso de Música da UNILA. Conheci grupos autônomos como: O coco da Macaíba, a Trupe Luz da Lua e a Cia de Circo Brincaderia, a capoeira do grupo Muzenza e muito Contato Improvisação. Uma das atividades do encerramento da semana dos calouros foi na feirinha da JK: uma intervenção do Coletivo de Teatro Contato e Improvisação, sendo sua primeira atividade realizada de maneira aberta, reunindo dezenas de pessoas no exercício “Contac – Tinta”, criado por meio dos movimentos da performance e da gradativa mescla de cores, uma espécie de instalação humana. Depois da feirinha, demos uma passada no rio (Peixinho), margem do rio Paraná que separa Brasil e Paraguai, só para relaxar e organizar as ideias e deixar a criatividade aflorar, onde o Contato Improvisação continuavam.

A experiência com as disciplinas na graduação foi desorientadora no início, com professores hispanohablantes, idioma novo, novas descobertas a cada dia com cada disciplina, como, por exemplo, “A Invenção da América”, que trouxe uma desconstrução e um novo aprendizado sobre o que era realmente a América e seus

habitantes. Enfim, consegui entender o porquê da frase que sempre me deixou muito confusa: “Brasil e América Latina”. Só fui compreender realmente o sentido depois que comecei a estudar na UNILA, por uma questão política e acordo de cavalheiros / colonizadores foi definido assim.

Nossos primeiros contatos com os artistas de Foz do Iguaçu foram na feirinha da JK e depois o leque só foi se ampliando: Fundação Cultural, Esquina Cultural, Praça da Bíblia, Sesc Paraná, Vila C Centro Comunitário, Vila C Velha, Centro da Juventude, Praça da Mentira, Vila C Nova, Amarantha, Sudacas, Cantina da Bea, Biblioteca Comunitária da Cidade Nova, etc. Minha Filha me falou sobre as inscrições no Coletivo Teatral Contato e Improvisação. Nos inscrevemos!

PROJETOS DE EXTENSÃO NOS QUAIS PARTICIPEI

Segundo a página oficial da UNILA², um Projeto de Extensão é definido por um conjunto processual contínuo, de caráter educativo, social, cultural ou tecnológico, com objetivo específico e prazo determinado de até um ano, podendo ser renovado anualmente mediante avaliação. A Extensão Universitária, como uma das funções sociais da Universidade, promove a extensão das atividades para além das fronteiras da Universidade, valorizando os saberes e fazeres populares, promovendo a interação e articulação do conhecimento científico com o conhecimento popular, transformando a realidade social e local. Os Projetos de Extensão da UNILA são divididos em áreas temáticas: Comunicação, Cultura e Arte, Direitos Humanos, e Justiça, Educação, Letras e Línguas, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção, Inclusão Social e Economia, Política e Desenvolvimento.

O Coletivo Teatral Contato e Improvisação, coordenado por André de Souza Macedo, como um entre tantos outros, iniciou suas atividades informais desenvolvidas ao longo do segundo semestre de 2014, com oficinas de teatro e dança ministradas na antiga sede central da UNILA, dada a lacuna institucional que a ausência das artes cênicas representavam naquele contexto. Com o advento do Edital PROFLEX, no início de 2015, o Cote’Coi (Contração de Coletivo Teatral Contato e Improvisação) se concretizou formalmente.

² Informações encontradas em: <https://portal.unila.edu.br/proex/acoes-extensao> Acessado em junho de 2022.

A partir das experiências das práticas do Contato Improvisação³ surge a proposta de um processo criativo para a criação de “ Fragmentos de A Menina Sem Palavra”, livre adaptação da obra do moçambicano Mia Coutto. Tratava-se de uma aproximação entre o conto “A menina sem Palavra” e nosso cotidiano, refletindo sobre a importância da escuta. “A menina não palavreava”, diz o autor em sua invenção. Porém, há questões que vão além da falta de palavras. São sons inaudíveis? Gritos emudecidos? Quando nossa voz cala? Num instante, a língua se torna frágil e o silêncio parece ensurdecer. Conferindo a montagem relações com o contexto sociocultural da Tríplice Fronteira, em 2016, como resultado poético de experimentos com outras técnicas, foi concebido o espetáculo “Aurora da minha vida”, de Naum de Souza, que dialogava com a situação política (vinculada a PEC 241) , das escolas ocupadas no país.

Em 2017 com novas experiências, novo elenco e com um histórico de apresentações além do município de Foz do Iguaçu, em parcerias com os municípios de São Miguel do Iguaçu e Santa Helena , deu-se início a criação de um novo espetáculo: “Carícias”.

Em 2018 foi organizada a 1ª mostra de Teatro Universitário do Cote’Coi entre os dias 09 e 13 de junho. Apresentamos as montagens do Cote’Coi juntamente com a montagem do Teatro Musical “A Ópera do Malandro”.

³ Contato Improvisação (CI) é uma dança criada pelo coreógrafo norte americano Steve Paxton em 1972. Consiste na exploração de movimentos corporais improvisados através de princípios como o toque, a troca de peso e a consciência corporal, espacial e temporal, como meio de comunicação consigo mesmo, com o outro e o meio.



Cartaz "A menina sem Palavra", 2015. Acervo do grupo.



Espectáculo Carícias, 2016. Acervo do grupo.

O Teatro Musical sob coordenação do maestro Gustavo Henrique Pinto e o Diretor de Artes Cênicas André de Souza Macedo, teve início em 2017 com audições para toda a comunidade acadêmica e comunidade externa interessados na arte do canto, dança e teatro. O projeto visa a capacitação nas três artes e como resultado final a releitura de uma peça do teatro musical nacional ou internacional, que é apresentada para toda região da Tríplice Fronteira e Oeste do Paraná. Com esse projeto, montamos o espetáculo musical “A Ópera do Malandro”, apresentado em Foz do Iguaçu em espaços como UNILA, Uniamérica, Esquina Cultural, Fundação Cultural, Barrageiros, Eco Museu, Medianeira e Santa Helena na UTFPR.

Em 2017 fui bolsista do Projeto de Extensão Teatro Musical junto com a estudante de Antropologia Karen Ishiguro, que tinha experiência em rádio, e, como contrapartida social, desenvolvemos junto à comunidade da Cidade Nova um programa de rádio. Para essa atividade, entramos em contato com a Dona Elza, uma líder comunitária do Bairro super ativa que atua junto da comunidade nos encontros e reuniões semanais na Biblioteca CNI. Organizamos alguns encontros semanais com algumas mulheres da comunidade e conversamos sobre vários assuntos, como identidade, representação, moradia, saúde, educação, violência. No início, pensamos em algo como radionovela, mas os relatos autobiográficos ao final foram transformados em um texto teatral. No final do semestre entramos no Estúdio de Música da UNILA no Jardim Universitário e junto com o Gustavo Henrique Pinto, gravamos um programa de rádio. Contamos com uma super produção de vozes, percussão e notícias de utilidade pública mesclando fatos dos relatos autobiográficos com vozes e participação das personagens. Todos se envolveram tanto que o resultado foi muito emocionante. Ouvir as histórias e os relatos nesse formato inédito para muitas de nós foi desafiador para todas. Muitos relatos traziam consigo uma carga de tristeza e amargura, violência doméstica, abandono e dificuldades, mas compartilhar aquelas histórias e relatos era também uma forma de amenizar ou curar uma ferida que há muito tempo doía. Organizamos uma reunião com a comunidade com comidinhas que compartilhamos e assim mostramos o trabalho final para todos, foi uma experiência única e muito gratificante. Esses encontros são sempre cheios de muitas histórias e “sabedoria”.

Em 2018 com novas audições e novos integrantes, montamos o espetáculo musical “Gabriela”, dando continuidade aos trabalhos e apresentações que se estenderam também.



Espectáculo Ópera do Malandro, 2017. Acervo do grupo.



Espectáculo “Gabriela”, 2019. Acervo do grupo.

Teatro musical Unila e PTI apresentam:

Gabriela



Segunda, 26 de nov. | Horário: 20h30 | Local: Cineteatro dos barrageiros, PTI

(Ônibus saindo do CRV - Centro de Recepção de Visitantes - à partir das 19h00 até às 20:15).

UNILA | PROEX | PTI Parque Tecnológico Itaipu | ITAIPU BINACIONAL

Cartaz Espetáculo Gabriela, 2018. Acervo do grupo

O **Coral TodoCanto** coordenado pelo maestro Gustavo Henrique Pinto teve início em 2012 como Coral da Unila, com o apoio da Fundação Cultural de Foz de Iguaçu e da Universidade do Oeste do Paraná, trabalhando a música com ênfase no repertório latino-americano. Como um importante agente na construção da cultura musical na região de Foz do Iguaçu, através de apresentações e oficinas oferecidas a toda a

comunidade interna e externa, o Coral já gravou 02 CD's, tendo um grupo estável de 35 coralistas.



Panfleto Coral TODOCANTO, 2018. Acervo do grupo.

O **Curso Preparatório de Canto**, coordenado pela professora Analia Chernavsky, propõe a criação de um curso Preparatório de canto com aulas de teoria musical e de canto, individuais e em grupo, ministradas por alunos de graduação do curso de música da UNILA. O projeto veio suprir uma carência da região, oferecendo ensino formal de música gratuito e de qualidade à comunidade. A ação articula-se com outras propostas de ações de extensão da área de música, como outros cursos preparatórios para instrumentistas e o curso de Teoria Musical .

O **Baile Latino**, idealizado pela coreógrafa Sandra Zotovici, visou divulgar e promover regionalmente diversas culturas populares latino-americanas de dança, especialmente culturas urbanas contemporâneas, buscando assim impulsionar através de processos de identificação cultural e integração regional, especificamente na região da Tríplice Fronteira. A partir de pesquisas realizadas pelo grupo de trabalho

composto pelo público interno e externo da UNILA foram organizados eventos culturais, como oficinas, festas, abertas ao público em geral, nas cidades de Foz do Iguaçu, Ciudad Del Leste e Puerto Iguazú.

Baile Latino
Integração pela dança



Bachata
Reggaeton
Salsa



Dia:
Sextas/Viernes

Lugar:
Jardim Universitario

Sala:
C-114

Hora:
18h - 21h



Baile Latino

Vem dançar com a gente

20 de Setembro às 14h

Local: Espaço multiuso
Coreografia: Sandra Zotovici (PROEX/UNILA)

PRIMEIRA ANOS DE NINHO SUPERIOR (PROEX/UNILA)

Cartazes Baile Latino, 2018-2019. Acervo do grupo.

O Projeto **Despertar pela Dança - Interação e Socialização na Terceira Idade**, sob coordenação da coreógrafa Sandra Zotovici, surgiu como uma das vertentes do Baile Latino. O objetivo é fomentar a integração pela dança, que a partir dos caminhos que trilhou em 2019, criou uma demanda com certas especificidades, por isso tornou-se mais uma Ação de Extensão independente para atuação junto a comunidade iguaçuense. A atividade tem por intuito inserir 15 idosos(as) do Lar dos Velinhos em eventos específicos relacionado a dança, no caso, o Baile da Terceira Idade, que

acontece todas as sextas-feiras no Centro de Convivência do Idoso “Afra Roth”, no Bairro Conjunto Libra de Foz do Iguaçu. A ação extensionista traz a tona o envolvimento com atividades artísticas, culturais, lúdicas e performáticas, que acontecem por meio de movimentos rítmicos e dançantes para despertar e sensibilizar corpos e corporalidades dos idosos(as) para os sentidos éticos-estéticos que surgem devido a necessidade de transposição de fronteiras corporais. A partir de vivências que proporcionam a integração, reflexão e diálogo, instiga-se a percepção do “eu” e do “outro”, suas peculiaridades e possibilidades de intervenção social e pedagógica, por meio dos quais todos os envolvidos no movimento possam sentir, pensar e agir cada movimento dançante. Ou seja, cada ritmo e pensamento se transforma e cria formas e desenhos pontuando espaços que se inter-relacionam entre as trocas interpessoais, que toca cada sentido e traz à tona sentimentos na transposição de emoções a partir da sensibilidade que proporcionará a interiorização, a consciência ética e estética entre corpos e corporalidades daquelas que são mediados, bem como o dos mediadores das práticas corporais, as quais subsidiam a dança com novos saberes pedagógicos, lúdicos e estéticos. A dança de Salão é uma das vivências que consiste em um grande número de pessoas que se movem juntas criando um conjunto de coreografias simples, o que permite a participação seja de bailarinos ou de pessoas leigas dançando juntas de forma integrada e colaborativa. Nesse Baile, especificamente, se tem ênfase na Dança Gaúcha, uma representação cultural que temos na região Sul do Brasil, devido às tradições que se mantêm vivas em nossa região. A perspectiva do projeto está na possibilidade de despertar um novo olhar para o “outro”, especificamente, nessas ações estender aos idosos(as) que são uma parte da população que precisa de atenção e dedicação.

O projeto Músicas e Danças da América Latina, coordenado pelo professor Félix Ceneviva Eid e o coordenador adjunto professor Ladislao Homar Landa Vasquez, é um projeto de extensão de Educação Intercultural que assume a tarefa de criar um grupo permanente de dança e música, com o propósito/finalidade de compartilhar, investigar, vivenciar, criar, recriar e difundir expressões culturais tradicionais da América Latina. O projeto tem como princípio fundamental a relação de igualdade entre os saberes tradicionais e acadêmicos, trabalhando com o conceito de indissociabilidade entre ensino/aprendizagem, extensão/intensão e investigação, e tem os seguintes objetivos : proporcionar/promover uma formação intelectual e

reconhecimento dos saberes tradicionais e populares, criar uma rede de integração latinoamericana através da música e da dança.

Conheci o projeto em uma oficina, em dezembro de 2016, no Sesc Paraná, Me encantei com a oficina e o projeto com sua proposta de educação intercultural através da música e da dança. Em 2017 me inscrevi para participar e desde então trabalhamos várias músicas, danças e rituais, organizamos alguns talleres na UNILA, SEURS, Comunidade Externa de Foz em várias escolas, no Paraguai e na Argentina também.⁴



Apresentação Inti Raymi, 2022. Acervo do grupo.

⁴ As informações sobre os projetos de extensão foram acessadas na página institucional da UNILA. <https://portal.unila.edu.br/proex/acoes-extensao> Acessado em junho de 2022.



Grupo MILPA, 2019. Acervo do grupo.

Após esse relato memorial de meu caminho até o presente, aprofundarei neste Trabalho de Conclusão de Curso o processo criativo vivenciado por mim na montagem de “Suíte número 02” juntamente com o Coletivo Contato e Improvisação Cote´Coi com direção de André Macedo. No primeiro capítulo relato um pouco sobre o enredo do espetáculo e de como foram organizados os primeiros encontros com o diretor André Macedo depois de um longo período de isolamento, devido a pandemia de Covid-19. E, em seguida, apresento o dramaturgo responsável pela autoria do texto e algumas de suas obras. Incluo, ainda, o texto “Suíte número 02” na íntegra e apresento informações sobre a estrutura básica de uma Suíte Musical. Por fim, abordo os passos para a construção do espetáculo.

2. O ESPETÁCULO SUÍTE NÚMERO 02

2.1 Considerações Iniciais

Em 2022 o Coletivo Cote'Coí, conduzido pelo Diretor de Artes Cênicas André Macedo, realizou a montagem do espetáculo "Suíte número 02". A peça trata da situação de uma violoncelista que ao perder parte dos movimentos recorda sua experiência de vida a partir de fragmentos da Suíte n.02 de Johann Sebastian Bach. O texto dramático é do brasileiro Afonso Nilson Barbosa de Souza.

Após um longo período de isolamento forçado devido a pandemia de Covid-19 nos anos de 2020 e 2021, em meados de fevereiro de 2022 com as aulas voltando gradualmente ao presencial re-encontrei o André Macedo, que estava também eufórico e feliz com os encontros presenciais do Cote'Coí. Ele me apresentou um texto chamado "Suíte número 02", e após a primeira leitura percebi que o texto era muito forte e denso. Fiquei feliz e também com medo quando ele me propôs a montagem de um monólogo. Eu nunca tinha encenado um monólogo, mas pensei: "Siii. Vamos tentar!"

Organizamos encontros semanais para continuarmos com o processo de criação. Iniciamos o trabalho de construção do espetáculo com a leitura dramática do texto e em seguida realizamos jogos teatrais com a dramaturgia. A partir dos fragmentos do texto, a personagem me parece bem pesada e triste, alguém que gostaria de ser mais feliz. Mas nas condições em que se encontra, só é alegre nos seus delírios e devaneios acompanhados da música Suíte número 02 que, simultaneamente, lhe causa além de alegria, também depressão. Na primeira semana de março metade do texto estava mais estruturado, contando com as ações de algumas cenas. Em seguida, fomos convidados para apresentar na semana da mulher no CCI Centro de Convivência do Idoso de Foz do Iguaçu. Assim, no dia 08 de março em comemoração à semana da mulher fizemos a apresentação do resultado dos ensaios até então. A apresentação teve duração de cerca de 15 minutos, representamos um fragmento do texto e combinamos de voltar quando a peça estivesse concluída. Também apresentamos o fragmento em uma aula aberta para a recepção de calouros da UNILA, com a mesma intenção, uma pequena mostra do resultado dos ensaios.

No dia 27 de março, em homenagem ao dia internacional do teatro, aconteceu o “Aglomerado Teatral”, um evento aberto ao público de Foz do Iguaçu com oficinas, bate-papo, espetáculos teatrais e intervenções performáticas. O evento foi organizado pelos projetos de Extensão da UNILA Cote’Coi, Como uma Luva e o Coletivo Poéticas do Entre. Nessa ocasião, apresentamos mais uma vez uma parte do espetáculo, ainda inacabado. Como próximo passo, o diretor do espetáculo, André Macedo, convidou o músico Gabriel Rezende para fazer parte da montagem como músico e ator. O Gabriel Rezende é professor do curso de música da Unila que atua desde 2016 como auxiliar técnico, orientador e colaborador em alguns projetos de extensão como Caravana Musical, Teatro Musical e agora no Cote’Coi colaborando com o espetáculo “*Suite numero 02*”. A partir do momento em que o Gabriel Rezende começou a participar dos ensaios e o monólogo passou a ser um duo, adaptamos o espaço, o cenário, as ações e as cenas foram sendo recriadas em função da dupla.

Na peça, na condição de atriz, estou em cena sentada em uma cadeira com um cobertor. Ao meu redor estão dispostas uma série de partituras musicais desorganizadas, amassadas, queimadas e rasgadas. O espaço cênico representa meu quarto, onde estou confinada em meio as minhas memórias, devaneios e sonhos, sempre pronta para entrar em cena como violoncelista. Possuo um suposto violoncelo entre as pernas. O Gabriel permanece ao meu lado tocando baixo e todas as partituras dele estão muito organizadas. Na atuação, vivencio a representação de tudo que a personagem mais deseja e mais odeia: o marido, os sonhos, a esperança, a alegria e a organização são mesclados aos devaneios, ao desespero e à imobilidade. A peça trata de um conflito de dicotomias em que a personagem vive entre alegrias e tristezas, esperança e desesperança, agilidade e imobilidade, organização e desorganização, música e silêncio, vida e morte.

COTE'
COI

COLETIVO TEATRAL

ESPETÁCULO TEATRAL: SUITE N. 02

A PEÇA TRATA DA SITUAÇÃO DE UMA VIOLONCELISTA QUE AO PERDER PARTE DOS MOVIMENTOS, RECORDA SUA EXPERIÊNCIA DE VIDA A PARTIR DE FRAGMENTOS DA SUITE Nº 02 DE JOHANN SEBASTIANN BACH.



LOCAL:
DATA:
HORÁRIO:

TEXTO: AFONSO NILSON BARBOSA DE SOUZA
ATRIZ: JOELMA DE BRITO
MÚSICO/ATOR: GABRIEL REZENDE
DIREÇÃO: ANDRÉ MACEDO

 **UNILA** | PROEX
Universidade Federal
da Integração
Latino-Americana

Cartaz Suíte Número 02, 2022. Acervo do Grupo.

2.2 O autor

Afonso Nilson⁵ nasceu em Joinville, em 1977, é dramaturgo, produtor e pesquisador de teatro. Graduado em Comunicação Social pela Fundação Universidade Regional de Blumenau, concluiu o mestrado em teatro na Universidade para o Desenvolvimento de Santa Catarina em 2007, com dissertação sobre dramaturgia contemporânea, onde concluiu também o Doutorado em Teatro no ano de 2019. Autor das coletâneas de textos teatrais de diversos livros digitais de dramaturgia, seus textos teatrais já foram encenados por dezenas de grupos profissionais e estudantis no Brasil e em Portugal, bem como adaptados para o cinema. No site do autor, encontram-se a descrição de algumas obras:

2.3 Pequenos Monólogos para Mulheres

Essa obra abarca temas que vão do amor, o ciúme, o desejo pela maternidade, o desprezar e o ser desprezado, à paixão avassaladora, a generosidade e a determinação. Sentimentos que, com humor, afeto, remorso e rancor falam sobre o espírito feminino, a fúria e a força da mulher, mas sempre imerso no poço profundo e incompreensível que é o amor. Com suas contradições, ressentimentos, angústias e deslumbramentos, o dramaturgo Afonso Nilson propõe com *Pequenos Monólogos para Mulheres* um olhar para alguns aspectos do universo feminino que vai além das obviedades que compõem o terreno das relações amorosas, mas também sobre histórias que falam, nas entrelinhas, de recomeços. A obra é subdividida em capítulos: “Romualdo Ângelo”; “A mulher das flores”; “Muito menos que um frango”; “Simpatia”; “Suíte nº2” e “Cuidado para não se apaixonar”.

Na contra-capá de *Pequenos Monólogos para Mulheres (2014)*, a atriz e pesquisadora Marisa Naspolini, declara que:

Além de ótima dramaturgia, os textos são um belo exercício para atrizes, iniciantes ou veteranas, que apostam na força da palavra bem escrita. Com poucas rubricas, os monólogos colocam o foco no ator – é ele, ou melhor, ela quem está no centro da ação. O tom eventualmente sórdido e transgressor com que as palavras de Afonso ganham vida delicia o leitor e

⁵ Informações coletadas no site: <https://www.afonsoilson.com/bio> Acessado em junho de 2022.

propicia uma viagem imaginária pela cena onde o humor atua como revelador de possíveis, e improváveis, humanidades. (NASPOLINI, 2014)⁶

O texto Suíte número 02 foi extraído do citado livro *Pequenos Monólogos para Mulheres*. Além dessa obra, destacam-se também os livros *Seis Textos Breves para Estudantes de Teatro (2017)*, coletânea de peças teatrais escrita para grupos de alunos e professores de artes cênicas escrita entre 1999 e 2005; *O ator Impuro (2019)*, que discute ascensão da censura, capacidade e possibilidades de difusão das artes em cidades periféricas, novas configurações e interesses das plateias contemporâneas, criatividade e limitações técnicas na formação de atrizes e atores; *Tarimba (2014)*, uma comédia dramática para duas atrizes a partir de um convite muito suspeito para a festa de um antigo amante, que torna-se o estopim para uma noite de lembranças enlouquecedoras.

2.4 O Texto na íntegra

Suíte nº 2

(Em uma cadeira, quase imóvel.

*Suíte nº 2 para violoncelo solo de J. S. Bach,
1º movimento inteiro, quase ensurdecidamente).*

*Suíte nº 2 para violoncelo solo. Ré menor, Johann Sebastian
Bach.*

No início parece triste, mas é muito mais que isso. O primeiro movimento é de uma melancolia tão, tão avassaladora que chega a ser funesto, tétrico, fúnebre. Mas ainda assim é tão bonito que me dá vontade de chorar. Parece como uma tempestade que se aproxima, com relâmpagos e vento zunindo na copa das árvores. Se eu pudesse escolher ser uma coisa seria essa música. Mas não tem jeito, eu sou só eu mesma.

⁶ Fonte: <https://e-galaxia.com.br/produto/pequenos-monologos-para-mulheres/> Acessado em junho de 2022.

Simples assim, quase um silêncio. Mas às vezes, quando ouço esses acordes, parece que por um momento eu deixo de ser eu, e fico igual a esse som que me atravessa, invisível e denso, sem corpo, mas capaz de me soterrar como uma avalanche, de me incendiar a partir da alma sem sequer vibrar em minha pele. Eu sinto que sou como essa suíte, lenta e densa, escura. Não me acho estranha por dizer isso. Todo mundo é denso às vezes. Não triste, a tristeza é outra coisa. É denso mesmo, movendo-se lentamente como seiva fluindo de uma árvore, viva e cheia de odores como o caldo viscoso que escorre pela casca até se solidificar completamente, ou morrer como uma gota amarelecida e sólida no solo repleto de suas próprias raízes. Você nunca se sentiu assim? Quase estagnada, movendo-se lentamente rumo ao solo? Eu me sinto sempre assim. Todos os dias. Quase imóvel, descendo, descendo, descendo até que o solo me consuma como uma árvore que sangra, que escorre até ficar vazia. Isso não é mal, sou assim apenas, vou me esvaindo com os dias. Eu gostaria de ser mais alegre às vezes, de dizer coisas mais felizes, mas é que a gente esquece tão rápido a alegria que parece que nem vale a pena falar nada. É como se a vida se esvaísse sem ser percebida, com nossa cara se desmanchando leve como fumaça que se espalha pelo ar. Como eu gostaria de voltar a fumar. Sugar o fogo com tanta força até ouvir a combustão do papel queimar alto em minhas têmporas. Mas já nem isso eu posso. Nenhum alívio funciona mais. Só o sono, só dormir sem sonhos, como um pedaço de pau. Isso ajuda, mas só enquanto durmo. Mas demora tanto pra pegar no sono. Quero dormir o maior tempo possível, o mais rápido possível, sem me ver adormecer, sem o pesadelo de um sol pela manhã me roubando da inconsciência e do silêncio que me aliviam. Quero dormir rápido, entendeu? Rápida e inconscientemente como um piscar de olhos. Mas o tempo demora tanto a passar. Estou bem, não é nada, não é nada. Em outros tempos eu tiraria de letra. Bola frente, e ia tocando a vida. Tinha meu violoncelo, meu marido. Bola pra frente. (pausa, longo silêncio) Para frente para aonde? Você pode tocar de novo para mim? Claro, é melhor não. Não é ocasião para música essa em que nos encontramos. E eu amava música. Meu Deus como eu amava. A música era tudo pra mim, minha vida, meu prazer, meu trabalho. O meu marido, você sabe, não é? Casei porque ele também amava a música. Talvez tenha sido isso. Não nos amávamos de verdade, mas amávamos algo em comum, o que já é mais do que muitos tem. Foi suficiente, por um tempo. Talvez tenha sido isso mesmo. Talvez se eu não tivesse parado ele ainda estivesse comigo, e estaria aqui, segurando a minha mão. Mas não deu. Eu não conseguia mais. Não

deu, você consegue entender? Não deu! O mundo começou a doer. A doer muito, como dói agora. Eu queria sentir meia dor. Como meu corpo, meio corpo. Mas não é assim. É como quando eu tocava meu violoncelo, é no corpo todo. Eram meus dedos apenas que sentiam as cordas, mas a partir deles o corpo inteiro acordava de uma letargia profunda, e vibrava como a pele de um tambor soando firme, ecoando em todos os meus ossos, minha carne, e eu era inteira música. Hoje vibro não mais como um tambor, mas como chicote em minhas próprias costas, vergastando com alarido minha pele em frangalhos. (pausa) Meu marido tocava piano. Eu tocava violoncelo e ele piano. Fizemos duos na vida e na música. As sonatas de Beethoven para piano e violoncelo, os quintetos de Brahms, a linda Arpeggione de Schubert, todos, todos mesmo. E hoje, que eu já não consigo mais nem respirar direito, a lembrança dessas músicas, desses sons, parecem desaparecer como se eu jamais os tivesse ouvido. Só o que eu consigo lembrar é dessa maldita música, essa suíte maldita que me rouba as forças e me devolve à lama. Eu daria tudo para poder tocá-la novamente, para me livrar da maldição de só poder ouvi-la. Eu lembro, quando comecei a ficar doente, e soube o que estava por vir. Peguei meu violoncelo, respirei fundo como quem mergulha, fiz um silêncio avassalador, mais do que meditativo, um silêncio de canhão carregado, um silêncio de patíbulo, de asfixia. Fechei os olhos e... (3º movimento da suíte. Interrompido bruscamente) Toquei destruidoramente. Todo terror e toda esperança pareciam explodir em cada nota, era como se eu chorasse, mas minha alma e meus olhos estavam secos. A mão de meu marido tocou meu ombro. Suavemente, como quem acaricia, mas com a força de quem segura pelo braço alguém que vai cair de um precipício, ou atravessar uma rua quando vem um carro. E parei de tocar imediatamente. Eu estava muito amedrontada para pensar no que quer que fosse. Mas com aquelas mãos em meus ombros eu me senti menos desamparada. E já naquela época ele pensava em me abandonar. Ele já planejava uma nova família, e eu, condenada e prestes a me tornar uma incapaz, já não mais fazia parte do seu futuro. Eu nunca desconfiei, nunca pude imaginar que enquanto eu fazia aqueles milhares de exames, sozinha, ele que deveria estar sempre ao meu lado, cada vez menos estaria comigo. Sua nova mulher teve um filho poucos meses depois que nos separamos definitivamente. E eu, eu que ia progressivamente perdendo o movimento de minhas pernas, de meus braços, que comecei a tremer incontrolavelmente, que já não conseguia sequer controlar minha bexiga, nunca na vida quis tanto ter um filho. (pausa) Ele contratou você para ficar comigo, para me

ajudar nas coisas do dia-a-dia, para me limpar. Talvez por remorso. Não sei por que te conto novamente essas coisas. Já falei tanto disso. Mas é como uma música que a gente estuda, e repete, repete até que esteja tudo claro em nossa mente, em nosso corpo, e possamos sem pensar fazê-la viver para os outros. Põe a música de novo pra mim? Por favor? Eu sei, eu sei. Já conversamos sobre isso. Sem música será mais digno. E você só faria se fosse sem nenhum som, num silêncio cruel e insuportável pra mim. Eu não entendo isso. Por que agora, quando eu mais preciso, me privar da única coisa que esse corpo quase inútil ainda é capaz de fazer? O que mais eu posso senão ouvir, ouvir, ouvir até o desespero, o excesso, o horror? Me privar disso é antecipar o meu silêncio, é acabar com o único vestígio de humanidade que ainda possuo. Sem isso eu sou um bicho, incapaz de coisa alguma além da própria sobrevivência. Eu não entendo isso de você, que é quem eu mais confio nesse mundo de ruínas que me sobrou. Morrer em silêncio é pior do que morrer. É a catástrofe, é pagar caro demais essa dívida que contraí ao ter nascido com essa coisa. Vamos, acabe logo com isso sua enfermeira maldita! Aplique logo essas injeções e torne minha imobilidade tão verdadeira que meus ouvidos não mais consigam mentir que ainda estou viva. Uma para me anestésiar, como se ainda fosse preciso. E outra pra acabar de vez com esse abandono que me deixou ainda mais encarcerada nesse corpo que mal se mexe. Vamos com isso sua empregada inútil, eu quero rápido essas duas injeções de uma única vez. (longa pausa) Será que você pode ser mais ágil? Esse silêncio é pior que a dor. Por favor, por favor... Você não pode mesmo colocar a música pra mim? É minha última vontade. Coloque a música para eu ouvir de novo, eu imploro. (pausa) Eu não vou conseguir sem isso. Eu tenho medo de morrer em silêncio, eu tenho medo de viver em silêncio. (longa pausa) Você venceu. Você venceu mais uma vez. Eu desisto de novo, mas pelo amor de Deus coloque logo essa música maldita! (5º movimento da suíte, aproximadamente depois do primeiro terço, no início do minueto II). Escuridão.

2.5 Johann Sebastian Bach

Suíte nº 2 para violoncelo, solo de Johann Sebastian Bach faz parte do repertório da música clássica. As seis Suítes para violoncelo solo criadas pelo artista foram

provavelmente compostas durante o período de 1717/1723⁷ quando Bach serviu como *Kapellmeister*, em alemão mestre de Capela, em Kothen, função de uma pessoa que, entre outras obrigações, deve ser responsável por compor música. A expressão é composta pelos termos Mestre / Meister e Capela / Kapelle que, por sua vez, se originam da palavra latina para “Capela”, que foi durante a Idade Média, o centro da atividade musical. Portanto, originalmente, a palavra era utilizada para designar alguém responsável pela música numa Capela. Entretanto, o significado do termo evoluiu bastante em resposta às mudanças na profissão do músico. O artista trabalhou muitos anos como *Kapellmeister* para a família Eszterhazy, uma família de alta nobreza do império Austríaco. Se tornar *Kapellmeister* era símbolo do sucesso para os músicos profissionais daquele tempo. Um *Kapellmeister* além de ser diretor de música de uma igreja podia ser diretor ou maestro de uma Orquestra ou Coro.

Segundo as fontes pesquisadas⁸, as Suítes Musicais possuem seis movimentos cada uma e seguem a seguinte estrutura e ordem de movimentos:

1 - Prelúdio: é geralmente entendido como uma peça introdutória de outra obra maior, tal como uma ópera ou ballet. Difere da abertura por antecipar temas da obra que antecede (normalmente, nas aberturas os temas não se repetem no decorrer da obra). Durante a Idade Média tocavam um Prelúdio como forma de aquecer os dedos e preparar a tonalidade.

2 - Allemande: também escrito Allemanda, Almain(e), ou Alman, da palavra Francesa para Alemão) é uma das mais populares formas de dança instrumental em Música Barroca, é um elemento básico de uma Suíte. Originalmente, a Allemande formou o primeiro movimento da Suíte, antes do Courante, mas, mais tarde, foi muitas vezes precedido por movimentos introdutórios, como um Prelúdio.

3 - Courante: A Courante, corrente, coranto ou corant é uma família de danças de compasso ternário provavelmente do final do período Renascentista e na Era Barroca. Em uma Suíte Barroca, uma courante francesa ou italiana é normalmente precedida por uma Allemande.

⁷ Fonte: https://www.wikifox.org/pt/wiki/Su%C3%ADtes_para_Violoncelo Acessado em junho de 2022.

⁸ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Su%C3%ADtes_para_Violoncelo Acesso em junho de 2022.

4 - Sarabanda: do francês Sarabande, por sua vez derivada do espanhol Zarabanda, é uma dança de compasso ternário (geralmente 3/4 , 3/2) e andamento lento. É uma antiga dança popular da Espanha e das suas colônias. Tornou-se uma dança processional lenta quando chegou à corte francesa no século XVII. Chegou ao Brasil em meados do século XIX, com a vinda da corte portuguesa. No contexto da Música Sarabanda é um dos ritmos das Suítes Barrocas.

5 - Galanteries: (Minuets para as Suítes 1 e 2, Bourrées para as 3 e 4, Gavottes para as 5 e 6). **Minuets** é uma dança em compasso de 3/4 , de origem francesa ou uma composição musical que integra Suítes e Sinfonias. **Bourrées** é uma dança de origem francesa comum nas províncias de Auvérnia e Biscaia na Espanha do século XVII e dançada com dois tempos rápidos, de alguma forma semelhante a Gavotte. A forma musical também foi usada por alguns compositores normalmente como um movimento dançante em uma Suíte. **Gavota** é uma dança popular de origem francesa dos séculos XVII e XVIII. Esta dança parece ter se originado no Delfinato (Dauphiné) nome de uma antiga província da França, Era muito popular na corte de Luís XV e Luis XVI, reis da França. O ritmo da Gavota se baseia em um compasso a quatro tempos bem marcados e começando no terceiro tempo do compasso. A linha Melódica da Gavote deve ser clara, elegante e refinada, com acompanhamento tão sutil e refinado quanto a linha melódica principal. Entre os compositores que se dedicaram a esta forma de dança estão Bach, Padre Martini, Handel, Gluck e Puccini.

6 - Giga: dança, em francês Guigue, é uma dança barroca popular originada a partir do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte foi importada para a França em meados do século VII e geralmente aparece no fim duma Suíte, geralmente possui um contraponto. Sua fórmula de compasso geralmente é de 6/8, 6/4, 9/8 ou 12/16, ainda que exista Gigas escritas noutros compassos. Um exemplo é o 4/4 da primeira das Suites Francesas (BWV812), de Johann Sebastian Bach. Há duas variações conhecidas, a Giga francesa, comandamentos moderado ou rápido e frases irregulares, e a italiana mais rápida e com frases regulares.

Após essa pesquisa sobre a estrutura das suítes musicais, na condição de atriz, pude compreender melhor os movimentos da suíte musical e a participação do Gabriel Rezende no espetáculo durante a encenação e, principalmente, todas as intervenções musicais realizadas desde o Prelúdio, o primeiro movimento que executa como a abertura do espetáculo que de antemão anuncia toda melancolia que está por vir e os movimentos seguintes com acordes bem fortes e marcantes que

seguem uma estrutura de movimentos que vão sendo tocados ao longo do espetáculo, com intensidades e ritmos diferenciados, com tempos rápidos e mais lentos, dando uma sequência aos compassos e a linha melódica que é alternada com frases regulares e irregulares.

3. PROCESSO DE CRIAÇÃO DETALHADO

3.1 Análise do texto e processo criativo da atriz

O texto se inicia com a personagem em uma cadeira, quase imóvel, anunciando a obra que está representando: a Suíte nº 2 para violoncelo solo, ré menor, de Johann Sebastian Bach. Comentarei alguns trechos do texto de acordo com minhas impressões pessoais, incluindo relatos sobre o processo criativo de montagem do espetáculo e o pensamento de autores que discutem temas pertinentes a esse trabalho:

No início parece triste, mas é muito mais que isso. O primeiro movimento é de uma melancolia tão, tão avassaladora que chega a ser funesto, tétrico, fúnebre. Mas ainda assim é tão bonito que me dá vontade de chorar. Parece como uma tempestade que se aproxima, com relâmpagos e vento zunindo na copa das árvores. Se eu pudesse escolher ser uma coisa seria essa música. Mas não tem jeito, eu sou só eu mesma. Simples assim, quase um silêncio.

Após anunciar a obra e o autor, o Músico inicia o Prelúdio, introdução que faz um breve resumo do que está por vir. Mesmo sendo tão avassalador, funesto, tétrico, fúnebre, devastador, desolador e triste, tem uma beleza única, emocionante, que pode despertar vários sentimentos até mesmo a vontade de chorar, que pode ser de raiva, tristeza, alegria, dor, ansiedade e até mesmo de esperança. Apesar de tantas contradições e emoções, quantas vezes tivesse a oportunidade a violoncelista escolheria a mesma música, a mesma vida, mesmo que viesse com uma carga tão pesada, valeria a pena tocá-la mais uma vez.

Mas a realidade lhe vem à tona, o tempo passou e não volta, e mostra que ela precisa se conformar com o que se tornou, com o que restou e adaptar-se, ressignificar...

Alguns dos estímulos corporais para a construção da personagem a partir desses elementos foram: contrações musculares, restrição de movimentos, expansão e contração respiratória realizadas de forma mais interna e introvertida, olhar perdido e vago, braços pesados juntamente com o tônus muscular rígido, movimentos lentos e dificultados, coluna curvada, pés contraídos e posturas desconfortáveis.



Suíte Número 02, 2022. Acervo do grupo.

Mas às vezes, quando ouço esses acordes, parece que por um momento eu deixo de ser eu, e fico igual a esse som que me atravessa, invisível e denso, sem corpo, mas capaz de me soterrar como uma avalanche, de me incendiar a partir da alma sem sequer vibrar em minha pele. Eu sinto que sou como essa suíte, lenta e densa, escura. Não me acho estranha por dizer isso. Todo mundo é denso às vezes. Não triste, a tristeza é outra coisa. É denso mesmo.

A personagem é uma violoncelista renomada de grande sucesso, que para chegar a tal renome precisou ter uma dedicação completa e exclusiva. A música era sua vida e está impregnada em seu corpo, em sua alma que se sente como a própria Suíte, com todas as suas nuances, melodias, compassos lentos, rápidos, densos, escuros: toda a materialização da música em seu ser.

movendo-se lentamente como seiva fluindo de uma árvore, viva e cheia de odores como o caldo viscoso que escorre pela casca até se solidificar completamente, ou morrer como uma gota amarelecida e sólida no solo repleto de suas próprias raízes.

Estes movimentos estão relacionados com os ciclos da dança e da vida. Relacionados com velocidades, frequências, começo, meio, fim, vida, morte, alegrias e tristezas, juventude e velhice, mobilidade e imobilidade entre várias dicotomias que emergem entre o Bem e o Mal. Para refletir sobre a situação da personagem, estudei o livro *Reescrevendo histórias de vida* (2019) organizado por Cristina de Oliveira Pacheco e Antonio Carlos Nantes, que reúne uma série de relatos de pessoas idosas abordando a velhice e seus desdobramentos. Segundo a entrevistada Eusa Jaci Montardo Tartari:

Velhice é o estado que caracteriza a condição do ser humano idoso. O idoso é um ser do seu espaço e do seu tempo. É o resultado do desenvolvimento de seu curso de vida, é a expressão das relações de interdependência, faz parte de uma consciência coletiva que se introjeta no pensar e agir; o indivíduo descobre suas próprias forças, possibilitando estabelecer relações com as demais forças sociais e políticas. (PACHECO, 2019, p.61-62)

Segundo a autora, a velhice traz muitas modificações, que são de ordem biológicas, psicológicas e sociais. Os seres humanos, como todos os outros seres vivos, estão em constante transformação. As células nascem, se multiplicam, se reproduzem e a partir do momento em que vão reduzindo suas atividades orgânicas e químicas vão envelhecendo. Esse processo é gradual e natural para todos. Um dos fatores que pode fazer a diferença é como esse processo é encarado e vivenciado, como a pessoa é preparada para encarar a situação e a realidade. Acredito que o corpo pode envelhecer, fazendo aparecer as limitações, mas a vontade de viver e uma mente jovial podem seguir ativas. No meu caso, em particular, sinto a necessidade de estar em movimento constante, sempre em atividade. Procuo não deixar que a curiosidade desapareça, desejo aprender sempre todos os dias, me cuidar constantemente: realizo atividade física, seja ela qual for, uma alimentação saudável, dormir, beber bastante água e uma vida social ativa. Viajar durante esse período da vida pode ser sensacional. Se relacionar com pessoas de várias idades também contribui para estar conectada às novas descobertas e encarar a vida e a velhice com mais alegria e menos dor. Desejo viver a vida driblando o tempo e a idade, ensinando o que aprendi e aprendendo com quem me ensina. Acredito que basta querer, basta estarmos abertos ao diálogo.

Você nunca se sentiu assim? Quase estagnada, movendo-se lentamente rumo ao solo? Eu me sinto sempre assim. Todos os dias. Quase imóvel, descendo, descendo, descendo até que o solo me consuma como uma árvore que sangra, que escorre até ficar vazia. Isso não é mal, sou assim apenas, vou me esvaindo com os dias. Eu gostaria de ser mais alegre às vezes, de dizer coisas mais felizes, mas é que a gente esquece tão rápido a alegria que parece que nem vale a pena falar nada. É como se a vida se esvaísse sem ser percebida, com nossa cara se desmanchando leve como fumaça que se espalha pelo ar.

O corpo da musicista não responde mais de forma espontânea e satisfatória. A agilidade e o frescor da juventude dão lugar à imobilidade, à perda de memória, ao esquecimento, à dependência, às necessidades de cuidados especiais. Talvez os abusos do corpo e da mente à procura da perfeição na música e dos aplausos, com o passar dos anos tenham trazido a “conta”. E estando imersa em um momento decadente, a vontade de dar a volta por cima é muito grande e as dificuldades são dribladas e encaradas com alguma esperança, com sonhos e devaneios. A dificuldade da personagem de encarar a sua própria precariedade é uma situação comum, embora bastante delicada. Também, de acordo com a psicóloga e professora Ecléa Bosi, temos que:

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade (BOSI, 1994, pg. 63)

Ao refletirmos sobre essa citação, podemos pensar que hoje em dia a atividade dos idosos é muito diferente daquela narrada pela autora, que retrata senhores a quem resta apenas guardar a memória da família. Hoje, vemos idosos nas diversas atividades da sociedade, inclusive nos esportes radicais. O idoso não é mais aquele que fica sentado na cadeira de balanço todos os dias. Nos centros de terceira idade eles fazem atividades físicas, artísticas, dançam, cantam, jogam, viajam e namoram.



Suíte Número 02, 2022. Acervo do grupo.

Como eu gostaria de voltar a fumar. Sugar o fogo com tanta força até ouvir a combustão do papel queimar alto em minhas têmporas. Mas já nem isso eu posso. Nenhum alívio funciona mais. Só o sono, só dormir sem sonhos, como um pedaço de pau. Isso ajuda, mas só enquanto durmo. Mas demora tanto pra pegar no sono. Quero dormir o maior tempo possível, o mais rápido possível, sem me ver adormecer, sem o pesadelo de um sol pela manhã me roubando da inconsciência e do silêncio que me aliviam.

O desejo de sentir o prazer novamente a partir das lembranças, sonhos e devaneios de alguma forma conforta, mas, com o passar dos anos, a saúde e a qualidade de vida vão se adequando. Ao longo da vida, o que era possível fazer na juventude não se mantém na velhice, novos hábitos são necessários para se adequar a cada idade. Surgem especificidades e necessidades de acordo com o corpo e a mente, e dependendo dessas necessidades, segundo a personagem, dormindo se esquece. Mas, muitas vezes as condições são tão desfavoráveis que até dormir se torna difícil. Ao pensar sobre lembrança e esquecimento é importante refletir sobre a memória. De acordo com Ecléa Bosi:

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1994 pg. 46-47).

No momento em que a musicista se encontra na peça a memória é sua única companhia. Segundo a autora mencionada (1994, pg. 47) a memória é o “lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas”. A memória da personagem traz à tona todo o ritual vivenciado por ela em seu trabalho com a música, o dinamismo vivido por ela faz parte dos momentos gloriosos de trajetória que ela gostaria de manter.

A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo. Mais uma vez a percepção concreta precisa valer-se do passado que de algum modo se conservou; a memória essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida. (BOSI, 1994, pg. 47).

Quero dormir rápido, entendeu? Rápida e inconscientemente como um piscar de olhos. Mas o tempo demora tanto a passar. Estou bem, não é nada, não é nada. Em outros tempos eu tiraria de letra. Bola pra frente, e ia tocando a vida. Tinha meu violoncelo, meu marido. Bola pra frente. (pausa, longo silêncio) Para frente para aonde? Você pode tocar de novo para mim?

Mesmo sabendo das limitações que a idade e o corpo somam, ela procura se sentir otimista e acreditar que, mesmo que em sonhos, ela está bem. A musicista tenta se convencer de que esse estado não é nada, trata-se de uma condição natural, normal para todos os seres: nascer, crescer, se multiplicar e morrer. Continuar sonhando para continuar sobrevivendo. Mesmo que as lembranças causem sofrimento a ela, também trazem boas recordações, evocam suas histórias, sua dor, suas alegrias, sua vida. De acordo com Bosi, toda lembrança vive em estado latente no corpo antes de ser trazida à consciência, e a velhice, nesse sentido, torna-se um fator complexo, pois reduz as atividades cognitivas:

A velhice, que é fator natural como a cor da pele, é tomada preconceituosamente pelo outro. Há no transcorrer da vida, momentos de crise de identificação: na adolescência também nossa imagem se quebra, mas o adolescente vive um período de transição, não de declínio. O velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo um homem. O coeficiente das adversidades das coisas cresce: as escadas ficam mais duras de subir, as distâncias mais longas a percorrer, as ruas mais perigosas de atravessar, os pacotes mais pesados de carregar. O mundo fica eriçado de ameaças, de ciladas. (BOSI, 1994, pg. 79).

Claro, é melhor não. Não é ocasião para música essa em que nos encontramos. E eu amava música. Meu Deus como eu amava. A música era tudo pra mim, minha vida, meu prazer, meu trabalho. O meu marido, você sabe, não é? Casei porque ele também amava a música. Talvez tenha sido isso. Não nos amávamos de verdade, mas amávamos algo em comum, o que já é mais do que muitos tem. Foi suficiente, por um tempo. Talvez tenha sido isso mesmo. Talvez se eu não tivesse parado ele ainda estivesse comigo, e estaria aqui, segurando a minha mão.

Ela constata que a realidade atual não favorece a execução da música que por anos repetiu, já que o corpo e a mente não conseguem mais responder com a destreza de outros tempos. A música foi a maior paixão da personagem, seu verdadeiro amor. E com a confusão mental que muitas vezes a faz esquecer até os mais simples sons, a tristeza e a melancolia inundam seu ser e tomam conta de tudo. A vida fica, para ela, muito sem graça e os pensamentos relacionados a vida e morte são muito frequentes. Ela evoca lembranças boas, de amor, sedução, paixão, sexo, mas de muita insegurança também. Surgem a todo tempo em sua cabeça, o “se”, o “talvez”, o “estaria”, são palavras recorrentes que demonstram angústia, medo, dor e sofrimento, mas sempre acompanhados de alguma esperança.

Mas não deu. Eu não conseguia mais. Não deu, você consegue entender? Não deu! O mundo começou a doer. A doer muito, como dói agora. Eu queria sentir meia dor. Como meu corpo, meio corpo. Mas não é assim.

Com o passar do tempo, a doença da personagem avança, toma conta do corpo e da mente, os movimentos vão ficando mais restritos, mais contidos, curtos, lentos e

densos. Ela não consegue mais viver plenamente com sua autonomia, necessitando de cuidados especiais. A dor toma conta do corpo e os sentimentos de tristeza e angústia tomam conta da alma, mas os insistentes movimentos e perseverança trazem a esperança. A resiliência demonstra que uma vez que a dor está presente e toma conta do corpo, é necessário aprender a conviver com ela, procurando maneiras e métodos para amenizá-la e continuar seguindo em frente.

É como quando eu tocava meu violoncelo, é no corpo todo. Eram meus dedos apenas que sentiam as cordas, mas a partir deles o corpo inteiro acordava de uma letargia profunda, e vibrava como a pele de um tambor soando firme, ecoando em todos os meus ossos, minha carne, e eu era inteira música.

As lembranças da personagem constataam o quanto o amor pela música era sublime. O quanto a presença da arte é transformadora em sua vida e vislumbra tudo o que ela fazia pela música e tudo o que a música fazia por ela. Quando ela tocava seu instrumento, o corpo, a mente e a alma tornavam-se uma vibração única, que percorria e inundava seu ser. A partir do simples toque dos dedos nas cordas do violoncelo, ela entrava em transe, em um estado de euforia, atingindo o máximo da felicidade, da alegria, o gozo do pleno prazer. Este estado corporal de vibração se relaciona com a ideia de corpo cênico trabalhada pela performer e professora Eleonora Fabião, que diz que:

O corpo cênico experimenta espaço e tempo potencializados e, também, o corpo cênico potencializa tempo e espaço. O corpo da cena investiga temporalidade e espacialidade, inventa minutagens e métricas, ocupa dimensões simultâneas do real. O nexu do corpo cênico é o fluxo. O passageiro, o instantâneo, o imediato – rajada, revoada, jato. Nascendo e morrendo; nascendo-morrendo. O corpo fluido e fluidificante é a matriz espaço-temporal da cena. (FABIÃO, 2010, pg. 321)

Esse estado cênico é o mesmo buscado pela direção do espetáculo *Suíte número 02*. Como atriz, dedico-me a me permitir ser afetada pelo público, pelo espaço e por tudo o que acontece durante a apresentação. A partir daí, posso devolver essas afetações a partir de minhas ações corporais e vocais. Do mesmo modo que sou afetada, também afeto ao outro. Para alcançar essa possibilidade, é necessário estar

presente, aberta, apta a correr riscos e vulnerável. Sobre a presença na arte, Fabião reflete que:

A qualidade de presença do ator está associada à sua capacidade de encarnar o presente do presente, tempo da atenção. O passado será evocado ou o futuro vislumbrado como formas do presente. O corpo cênico está cuidadosamente atento a si, ao outro, ao meio; é o corpo da sensorialidade aberta e conectiva. A atenção permite que o macro e o mínimo, grandezas que geralmente escapam na lida quotidiana, possam ser adentradas e exploradas. (FABIÃO, 2010, pg. 322)

Hoje vibro não mais como um tambor, mas como chicote em minhas próprias costas, vergastando com alarido minha pele em frangalhos. (pausa) Meu marido tocava piano. Eu tocava violoncelo e ele piano. Fizemos duos na vida e na música. As sonatas de Beethoven para piano e violoncelo, os quintetos de Brahms, a linda Arpeggione de Schubert, todos, todos mesmo. E hoje, que eu já não consigo mais nem respirar direito, a lembrança dessas músicas, desses sons, parecem desaparecer como se eu jamais os tivesse ouvido. Só o que eu consigo lembrar é dessa maldita música, essa suíte maldita que me rouba as forças e me devolve à lama. Eu daria tudo para poder tocá-la novamente, para me livrar da maldição de só poder ouvi-la.



Suíte Número 02, 2022. Acervo do grupo.

A vitalidade da personagem não é a mesma, o corpo vibra, mas agora a partir de uma saudade e uma angústia. O peso da idade faz o corpo reagir com contrações involuntárias, e ela sofre com a imobilidade. As lembranças sempre vêm à tona para amenizar essa situação, ora trazem alegrias, ora trazem sofrimento. Um tempo tão maravilhoso que não volta e que às vezes também ironiza o que já foi tão belo como forma de amenizar o sofrimento. Com o avanço das limitações e as restrições que são muitas, o corpo dela não responde mais da maneira como deseja. As lembranças das músicas e dos sons trazem muita dor, mas como era o que ela mais amava, o desejo de estar constantemente ouvindo essas memórias é maior do que tudo. A música está tão impregnada no corpo e na alma da personagem, que se tornou o motor principal da sua vida. E agora que mal consegue respirar, a única coisa que ela deseja é ficar constantemente mais próxima do que sempre amou realmente.

Eu lembro, quando comecei a ficar doente, e soube o que estava por vir. Peguei meu violoncelo, respirei fundo como quem mergulha, fiz um silêncio avassalador, mais do

que meditativo, um silêncio de canhão carregado, um silêncio de patíbulo, de asfixia. Fechei os olhos e... (3º movimento da suíte. Interrompido bruscamente). Toquei destruidoramente. Todo terror e toda esperança pareciam explodir em cada nota, era como se eu chorasse, mas minha alma e meus olhos estavam secos.

“Pois memória e profundidade são o mesmo, ou antes, a profundidade não pode ser alcançada pelo homem a não ser através da recordação” (ARENDDT apud BOSI, 1994, pg. 5). Quando a personagem começou a sentir os primeiros sinais das mudanças e das dificuldades que começaram a surgir com relação ao seu desempenho, agilidade e destreza dos movimentos das mãos, ela entendeu que sua vida não seria nada fácil dali em diante. A única coisa que passava pela cabeça dela era o desejo de enfrentar todas as dificuldades e continuar a se entregar de corpo e alma ao que sempre amou verdadeiramente e a dedicar-se mais e mais com a energia que lhe restava. Nesse trecho, noto a demonstração da dedicação de toda uma vida: estudo, garra, perseverança e esperança para contrapor o desespero e o medo que sentia de não poder mais tocar e vibrar com toda sua alegria.

A mão de meu marido tocou meu ombro. Suavemente, como quem acaricia, mas com a força de quem segura pelo braço alguém que vai cair de um precipício, ou atravessar uma rua quando vem um carro. E parei de tocar imediatamente.

Essas são as lembranças que sempre vem à tona para a personagem, com os sonhos e devaneios carregados de sentimentos e ressentimentos. A convivência com o marido é persistente em sua memória, um companheiro de tantas histórias que a amparava. Ao constatar que ele não está mais ao seu lado, ela volta à realidade, percebe sua condição solitária e se entristece por entender que não consegue mais tocar nem seu instrumento, nem seu marido.

Eu estava muito amedrontada para pensar no que quer que fosse. Mas com aquelas mãos em meus ombros eu me senti menos desamparada. E já naquela época ele pensava em me abandonar. Ele já planejava uma nova família, e eu, condenada e prestes a me tornar uma incapaz, já não mais fazia parte do seu futuro. Eu nunca desconfiei, nunca pude imaginar que enquanto eu fazia aqueles milhares de exames, sozinha, ele que deveria estar sempre ao meu lado, cada vez menos estaria comigo.

A atual condição da personagem é desesperadora, os exames constantes e necessários mostram uma piora progressiva. Mas até então, ela ainda se sentia amparada pelo marido. Mesmo sem perceber, em um primeiro momento, ela compreende que a distância entre eles aumenta gradativamente até chegar na separação definitiva. Ele formou uma nova família e foi viver a sua vida.

Sua nova mulher teve um filho poucos meses depois que nos separamos definitivamente. E eu, eu que ia progressivamente perdendo o movimento de minhas pernas, de meus braços, que comecei a tremer incontrolavelmente, que já não conseguia sequer controlar minha bexiga, nunca na vida quis tanto ter um filho. (pausa).

Os movimentos da instrumentista que antes eram limpos, contínuos e fluidos passam a ser descontínuos, descompassados, involuntários, sem controle nenhum. Isso acontece em todo o organismo, como no caso de sua bexiga, que não controla mais. A dedicação total ao seu verdadeiro amor não lhe reservou tempo para pensar em mais nada, nem na maternidade. Agora era demasiadamente tarde para pensar em maternidade, ainda que a desejasse muito - um sonho que agora era impossível. Mesmo que esse fosse o último desejo dela, não poderia mais.

Ele contratou você para ficar comigo, para me ajudar nas coisas do dia-a-dia, para me limpar. Talvez por remorso. Não sei por que te conto novamente essas coisas. Já falei tanto disso. Mas é como uma música que a gente estuda, e repete, repete até que esteja tudo claro em nossa mente, em nosso corpo, e possamos sem pensar fazê-la viver para os outros. Põe a música de novo pra mim? Por favor? Eu sei, eu sei. Já conversamos sobre isso. Sem música será mais digno. E você só faria se fosse sem nenhum som, num silêncio cruel e insuportável pra mim. Eu não entendo isso. Por que agora, quando eu mais preciso, me privar da única coisa que esse corpo quase inútil ainda é capaz de fazer? O que mais eu posso senão ouvir, ouvir, ouvir até o desespero, o excesso, o horror?

Ela se sente acompanhada, mas sozinha, o sentimento de abandono é muito grande em sua realidade. Com a companhia das lembranças ora sorri, ora chora. A mesma música que a faz sorrir, a faz chorar, e é tão desejada como também repudiada. O desespero toma conta da personagem, que não consegue entender ou não aceita porque está nessas condições e porque seu corpo não responde mais de forma satisfatória. Mesmo que incomode, o que ela pode fazer a não ser ouvir e ouvir a única coisa que lhe restou?

Me privar disso é antecipar o meu silêncio, é acabar com o único vestígio de humanidade que ainda possuo. Sem isso eu sou um bicho, incapaz de coisa alguma além da própria sobrevivência. Eu não entendo isso de você, que é quem eu mais confio nesse mundo de ruínas que me sobrou.

A música foi a escolha de vida da personagem, seu trabalho e seu prazer. Como aceitar viver sem a música? Mesmo com o corpo debilitado, a única coisa que lhe dá prazer é ouvir música, mesmo essa música maldita, que lhe traz tantas emoções negativas, como o abandono, a lembrança da imobilidade e da solidão. Ainda assim, ela quer estar o mais próximo possível do que sempre amou verdadeiramente.

Morrer em silêncio é pior do que morrer. É a catástrofe, é pagar caro demais essa dívida que contrái ao ter nascido com essa coisa. Vamos, acabe logo com isso. Toque logo essa última vez. Minha imobilidade tão verdadeira que só meus ouvidos não conseguem mentir que eu ainda estou viva. Toque a primeira vez para me anestésiar, como se ainda fosse preciso. E outra pra acabar de vez com esse abandono que me deixou ainda mais encarcerada nesse corpo que mal se mexe.(longa pausa.)

O desespero dela é evidente. Falta o ar: a música necessária para viver. Constata que é tudo tão anestésiante e tedioso, que seus dias são torturantes. Só a música pode amenizar essa situação em que se encontra. A música ameniza a dor, mesmo evocando lembranças tão dolorosas. O corpo, ainda que minimamente, consegue responder aos estímulos e vibrações, e esse é o conforto ao qual se apega. Ela não quer desistir, mas sim continuar com todas as suas forças.



Suíte Número 02, 2022. Acervo do grupo.

Será que você pode ser mais ágil? Esse silêncio é pior que a dor. Por favor, por favor... Você não pode mesmo tocar a música pra mim? É minha última vontade. Coloque a música para eu ouvir de novo, eu imploro. (pausa) Eu não vou conseguir sem isso.

O silêncio é desesperador, é ensurdecador para ela. Ouvir é o único desejo que possui para continuar sobrevivendo. Sendo a única coisa que lhe sobrou de humanidade, ela deseja ouvir como sua última vontade. Implora por escutar como forma de ficar em paz consigo mesma e com o mundo. Sobre o desejo e o amor por ouvir vivenciado pela musicista, podemos relacionar com as ideias refletidas pela atriz e professora Mirna Spritzer:

Para Barthes (1990), a escuta é o sentido do espaço e do tempo, pois registra a aproximação e distanciamento das fontes sonoras. “A injunção de escutar é a interpelação total de um indivíduo a outro, coloca acima de tudo o contato quase físico desses dois indivíduos (pela voz e pelo ouvido): cria a transferência: ‘escute-me’ quer dizer toque-me, saiba que eu existo” (SPRITZER, 2020, pg. 34)

Segundo a professora (2020, pg.35) o ato da escuta é o fundamento da construção das narrativas do que somos e fazemos, “Não apenas como humanidade, e, portanto, seres em relação, mas também como artistas em ação.” Como atriz, considero que a relação entre o silêncio e a escuta no espetáculo *Suite número 02* são ações de extrema importância durante a dramatização. O silêncio é ensurdecador, causando contrações muito dolorosas na personagem. Já a escuta traz a memória de um tempo em que ela tinha o total domínio do corpo e das ações. Essa reflexão se relaciona com o pensamento de Eleonora Fabião sobre os afetos e as forças que preenchem a cena:

No palco não há imunidade. O olhar é palpação, o movimento ação, e ser, relação. Ação ecoa, voz preenche; o corpo sempre interage com algo, mesmo que seja o vazio. Ou, ainda, no palco, vazio não há, pois que se tira tudo e resta latência. Vazio cênico é latência – no palco o nada aparece, silêncio se escuta. (FABIÃO, 2010, pg. 322)

Segundo as professoras, a escuta é extremamente importante nas artes cênicas e na formação humana, pois nos permite legitimar o outro que fala. Para a personagem de *Suite número 02*, na situação em que ela se encontra, o único vestígio de humanidade que lhe resta é a escuta e tudo o que ela encontra através da escuta. Escutar é o que faz com que ela minimamente ainda se sinta um ser humano. Mas a relação com o silêncio é complexa e causadora de dor.

O sentido da audição não cessa. Os ouvidos não dormem, não fecham os olhos, não tem pestanas. Assim, o silêncio é uma forma de ruptura, de suspender a continuidade do som e deste modo criar ação, criar acontecimento. De dar sentido ao que ouvimos. Da mesma forma, o silêncio contínuo necessita da experiência do som para tornar-se pausa. (SPRITZER, 2020 pg. 41)

Eu tenho medo de morrer em silêncio, eu tenho medo de viver em silêncio. (longa pausa) Você venceu. Você venceu mais uma vez. Eu desisto de novo, mas pelo amor de Deus coloque logo essa música maldita! (5º movimento da suíte, aproximadamente depois do primeiro terço, no início do minueto II). Escuridão.

Para a personagem, a vida não tem graça sem música. Não quer desistir dela e nem abandoná-la. Apesar de tudo, deseja sentir as emoções e lembranças de sua vida, mesmo tendo como pano de fundo essa maldição: a música maldita, essa suíte maldita que lhe rouba as forças e lhe devolve à lama.

3.2 Diálogos entre diretor e atriz

O diretor do espetáculo André de Souza Macedo realizou uma adaptação no final do texto dramático. Ele desejava que o suicídio ou eutanásia não fossem explícitos, principalmente por causa do momento que estávamos vivenciando, de tantas mortes por Covid-19. Por isso, como atriz, eu não menciono em nenhum momento sobre “injeção”, apenas peço para tocar a música pela última vez. Na ação cênica, eu imploro e falo que “não vou conseguir sem isso” e quando Gabriel toca, eu deito e durmo um “sono” que pode ser interpretado como “eterno”, ou como “fim”. O diretor ofereceu o seguinte depoimento sobre a construção do espetáculo com o objetivo de contribuir com este memorial descritivo:

Durante o processo criativo, os encontros aconteciam para que a atriz pudesse jogar com a dramaturgia e ter a minha figura como provocadora de afetos (inclusive durante as apresentações), e não como “um diretor” no modelo direção mais tradicional (encenador). Portanto, precisei resistir a ocupar o lugar de autoridade no processo. Em relação ao jogo da atriz com a dramaturgia, eu parti do procedimento técnico baseado na ideia de “tirar o texto da página”, sugerido por Harold Guskin no livro “Como parar de atuar” (2012). Os procedimentos utilizados tinham como objetivo estabelecer uma relação onde a atriz pudesse jogar com a dramaturgia como pessoa e deixar-se afetar fisicamente com isso. Nesse ato de abertura ao presente, a atriz deveria sustentar o jogo a partir das sensações íntimas. Durante os ensaios, propus a atriz que não tratasse a personagem na terceira pessoa, e quando falávamos sobre esse ser ficcional, insistia para a atriz narrar a experiência em seu próprio nome. Assim, as estratégias criativas não visavam estabelecer uma personagem como “um ser completo a ser representado”. Ao contrário disso, o processo foi orientado pela busca de intensidade da própria atriz jogando “em primeira pessoa” com a dramaturgia. Como ator, diretor e pesquisador da atuação (tese de doutoramento “A atuação contemporânea como testemunho pessoal na cena: experiências de set e de

palco como experiência de um corpo aberto aos acidentes do jogo”, 2022). Portanto, a possibilidade de escuta dos sentidos e formas que acontecem a partir do jogo da atriz consigo mesma, com o espaço e com a audiência funcionava com acontecimento fundamental para propiciar os sentidos e os modos de agir na cena. Como preparador corporal para a atuação, me interessa investir na experiência de quem atua ao atuar. Por isso, a possibilidade afetiva no tempo em que a cena era realizada foi fundamental para que o espetáculo fosse construído. Dito isso, cabe mencionar um procedimento em que pedia que a atriz realizasse uma ação em sua máxima potência (rir muito, por exemplo) para que o oposto do riso pudesse surgir no corpo (o choro ou tristeza, por exemplo). (André Macedo, 2022, depoimento cedido para a autora)



Atriz e Diretor de Suíte Número 02, 2022. Acervo do grupo.

Quando o André Macedo me mostrou o texto *Suíte número 02*, li e fiquei bem impactada com a história e com a temática. O momento de isolamento em decorrência da Covid-19 e as angústias sofridas pela solidão e pelo desespero de não vermos mais nossos entes queridos ajudaram e colaboraram para esse impacto. O André me disse que era um monólogo. O desespero aumentou.... Nunca tinha feito um monólogo, fiquei com muito medo. Mas com o apoio do André eu iria enfrentar esse medo e encarar mais esse desafio. Começamos os encontros semanais e a leitura dramática do texto. A partir de pequenos fragmentos o André sempre me falava para

eu prestar o máximo de atenção nas palavras, no que estava lendo. Pedia que eu prestasse atenção em quais lembranças pessoais eram evocadas na leitura e quais sensações que essas lembranças despertavam. Era necessário deixar aparecer no corpo as emoções e os sentimentos trabalhados nessa parte do processo. No início dos ensaios a confusão era completa. Eu não sabia se falava “eu” ou “ela”, a personagem. Os estímulos corporais e as emoções precisavam, necessariamente, passar primeiro pela atriz, que era convidada a se afetar e deixar afetar, transbordar no corpo, na fala, nas ações para então surgir a personagem. Mas o André sempre me dizia para eu sentir tudo enquanto atriz na 1ª pessoa. O processo é gradativo e contínuo, quando o que se trabalha é distinto da atriz, surge a personagem. Os estímulos corporais e as sensações, a imitação e a repetição também fazem a distinção entre a atriz e a personagem. As ações, o espaço cênico e os objetos de cena são os recursos para narrar a história mas também motores para afetar e se deixar afetar pelo público, o outro. Segundo o diretor do espetáculo, André Macedo:

Pois é no fora que está o outro e é o outro quem me convoca atuar, a narrar no sentido de que o fazemos num ato de generosidade, endereçando nossos afetos para alguém que está escutando, assistindo, presenciando o acontecimento. Endereçar nossos afetos, porém, solicita-nos uma atitude atenta, que se relaciona ao estar aberto/a ao jogo e ao contato. (MACEDO, GRIMES, FERREIRA, 2020, p. 28).

É preciso atuar sempre com um objetivo, representar verdadeiramente, deixando as ações físicas transparecer e afetar o espectador. Num processo de colaboração entre a personagem que afeta e é afetada pelo espectador e vice-versa.



Joelma e Gabriel em Suíte Número 02, 2022. Acervo do grupo.

A partir de provocações aos estímulos corporais, a personagem vai nascendo/atuando e quando se afeta devolve aos espectadores esses estímulos que também os afetam. Os exercícios de corpo, caminhadas com diferentes intenções (peso, leveza, expansão e contração), e o reconhecimento do meu próprio corpo

contribuíram para trabalhar no interno e no externo as lembranças e as imagens que poderiam servir como referência para o espetáculo. Para representar a dor, era necessário contrair o corpo, nesse sentido, o André me propôs ficar o máximo de tempo numa posição desconfortável para vivenciar essa sensação.

Também fizemos exercícios para encontrar a entonação da voz mais apropriada. Testamos falar mais grave e em ritmos e intensidades diferentes, mas também exercitamos o não falar, ao prestar atenção em todos os sons, ruídos e barulhos externos, para perceber o que eles me provocavam. Em alguns ensaios eu ouvia muitas vozes e ruídos da sala ao lado, (a C115, outra sala de ensaios do corpo e da voz da UNILA). O André me dizia para eu usar tudo em meu favor, em prol da construção da personagem: ouvir, sentir, absorver e deixar transbordar tudo em ações e estímulos corporais visíveis.

Com os ensaios, os pequenos fragmentos foram sendo estudados, repetidos, imitados e a personagem foi nascendo principalmente através da fala e do silêncio. Com o texto concluído e as cenas dramáticas se ordenando, o monólogo passou a ser um duo com a chegada do músico/ator Gabriel Rezende. Fizemos novas adaptações com a presença dele e a realização da música ao vivo, o que trouxe outra intensidade para as cenas. Como atriz, pude sentir a produção do som bem de pertinho vibrando a partir do chão, subindo através dos meus pés fazendo o corpo todo vibrar desde os primeiros acordes. Fizemos duos em algumas apresentações e o espetáculo foi se moldando também com sugestões e ideias de Gabriel Rezende. No texto original, o autor fala sobre um momento que pode ser interpretado como Eutanásia, mas na adaptação do André Macedo o texto termina com uma mensagem de Esperança. A personagem fica satisfeita em ouvir a música, nem que seja pela última vez, e demonstra o quanto fica feliz a partir de uma gargalhada. Eufórica, acaba dormindo em meio as suas lembranças e devaneios.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

... Parece como uma tempestade que se aproxima, com relâmpagos e vento zunindo na copa das árvores. ...

Simmm, esse turbilhão sempre esteve dentro de mim. Sempre fui muito ativa, fazendo várias coisas ao mesmo tempo. Em um dia eu estava em São Paulo e no outro em Foz do Iguaçu na UNILA, foi um vendaval que passou em minha vida. Estar na UNILA com aqueles corredores atravessados de diversas pessoas de várias nacionalidades e ouvir vários idiomas era realmente um grande “zunido”. Aos poucos, as coisas foram se ajeitando. As aulas com os professores hispanohablantes eram muito difíceis e um grande enigma para mim. Mas as aulas de FAL eram ainda mais desafiadoras com tantos conteúdos que eu tinha que pesquisar sobre a América Latina, que até então eram desconhecidos. A UNILA é um espaço multicultural e diverso que me proporcionou a oportunidade de um aprendizado também multicultural e diverso. Além das disciplinas de linguística e literatura que abrangiam as principais Comarcas da América Latina, tive a oportunidade de conhecer os Projetos de Extensão que foram essenciais e contribuíram muito para a minha formação. Através da interdisciplinaridade tive a oportunidade de aprender um pouco mais sobre a cultura e as tradições de vários países da América Latina como parte do meu desenvolvimento pessoal. Essas experiências, incluindo as criações mencionadas nesse Memorial, ampliaram meu olhar aos saberes acadêmicos e populares e me ensinaram a olhar de forma respeitosa e harmoniosa para todos e, por consequente, fazer a diferença por onde eu tiver a oportunidade e a permissão para passar. A graduação em Letras, Artes e Mediação Cultural me dá a oportunidade, entre algumas, de ser Mediadora Cultural. No início do curso eu pensava na palavra “mediação” como forma de mediar no sentido de resolver conflitos, mas hoje eu vejo como “facilitadora”. Me sinto apta, de alguma maneira, a “facilitar” o entendimento de questões por estar atenta aos mais diversos assuntos e tentar mostrar quando a outra pessoa aceitar, sem imposição, uma possível solução. Como facilitadora, posso criar oportunidades que estimulem a curiosidade e oportunizem o desenvolvimento pessoal para alcançarmos o discernimento de encontrar a melhor solução para as questões e as adversidades encontradas no caminho. Me vejo como capaz de proporcionar um aprendizado que possa ajudar a formar outras pessoas reflexivas e

críticas que respeitem toda diversidade cultural, toda diversidade humana e toda diversidade de gênero.

Desde a antiguidade o teatro sempre existiu, não só como lazer e entretenimento, mas também como uma forma de ensino/aprendizagem, como uma forma de ensino, estimulando a aprendizagem de diversos conteúdos. O teatro inclui muitas áreas do conhecimento que são as bases para o desenvolvimento dos seres humanos, de uma sociedade. Valorizando as culturas e os saberes populares, vejo o teatro como uma das grandes formas de arte ao trabalhar com e a partir de diversos conteúdos, áreas e saberes. Além do lazer e do entretenimento, que também podem ensinar muito, o teatro pode ser refletido como uma forma de aprendizado, incluindo distintos textos, distintas abordagens, tematização de fatos históricos e cotidianos, memórias, tempos distantes e próximos, as personagens, os seres ficcionais, o artista e o espectador. O teatro pode estar revisitando o passado e trazer à tona sempre assuntos pertinentes à realidade e atualizados. O teatro pode focar a memória de um tempo, de um povo, de uma cultura e articular cenas dando novos sentidos a esses universos como forma de manter e repassar as tradições na história. O teatro pode ressignificar, atualizar e ensinar as novas gerações perpetuando ou transformando o passado e a história. Essa arte pode trabalhar com as mais variadas obras literárias, incluindo diversos autores de outras artes, de diversas gerações, que podem sempre ser revisitadas pelo teatro e, dessa forma, manterem-se atuais.

A partir dessas experiências, desejo estudar constantemente, me atualizar, não deixar de ser movida pela curiosidade, saindo da zona de conforto e me arriscar um pouco mais. Quando o André Macedo me chamou para fazer o monólogo foi o que pensei: preciso sair da minha zona de conforto, me arriscar um pouco mais, correr riscos, estar aberta para o improviso e assim foi. Eu sempre tive um pé atrás com monólogo e me lembrei que numa data, acho que nos anos 90, assisti a um monólogo com o ator Osmar Prado que se chamava “O fabuloso Obsceno”. Sai do teatro muito intrigada, pois na época não tinha o discernimento para compreender a magnitude do espetáculo, mas hoje lembrando percebo o quanto foi grandioso. O ator ficava sentado numa cadeira contando “causos” que despertavam os mais distintos sentimentos na plateia e em mim, que em alguns momentos me sentia envergonhada pelos meus pensamentos. E o intuito era esse, despertar os mais sombrios

sentimentos e emoções em cada um e hoje percebo mais intensamente o quanto é significativa essa relação entre ator-personagem-espectador. Os sentimentos circulam em um vai e vem no qual o artista se afeta e, conseqüentemente, afeta o espectador. Essa é uma das funções do artista: sensibilizar, afetar, provocar, incentivar/despertar a curiosidade, ampliar o conhecimento, as indagações, promover a ampliação do conhecimento, a compreensão de mundo, da realidade, seja ela pessoal ou coletiva, levando o outro e a si mesmo à capacidade de interação e intervenção social, aprendendo a respeitar e de alguma maneira fazer e ser a diferença onde estiver e com quem estiver.

Aquele medo todo que senti quando o André Macedo me chamou para fazer o monólogo não sumiu, aprendi a administrá-lo, pois penso que sentir medo não é de todo ruim, mas uma forma de se cuidar, se preservar. E hoje penso: Que venham novos monólogos, duos, atuações dramáticas diversas! Um “Viva” para a Arte em geral e que todos nós saibamos “Viver” todas as formas de Arte na sua mais bela plenitude e que ela sempre nos conforte e oriente nos momentos mais difíceis e desafiadores de nossas vidas. As Artes têm esse poder de amenizar um pouco as dores que carregamos ou que precisamos suportar, sejam elas físicas ou emocionais.

Ojala que siiiii. Persoonasss.

5. REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade : Lembranças dos velhos / Ecléa Bosi. - 3 ed.- São Paulo : Companhia das Letras, 1994.

FABIÃO, Eleonora. Corpo cênico, estado cênico. Revista Contrapontos, v. 10, n. 3, p. 321-326, 2010.

MACEDO, A. de S. ., GRIMES, S., & FERREIRA, L. P. . (2020). O dito e o inacabado na cena: palavras como incertezas de um corpo em atuação. Voz E Cena, 1(02), 25–39. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/vozecena/article/view/33303>

NILSON, de Afonso. Pequenos Monólogos para Mulheres. Chiado Editora, 2014.

PACHECO, Cristina de Oliveira. Reescrevendo Histórias de vida. / Cristina de Oliveira Pacheco, Antonio Carlos Nantes [et.al.]. - Cascavel (PR) : EDUNIOESTE, 2019. 89p.

PALLOTTINI, Renata. Dramaturgia: a construção da personagem / Renata Pallottini.- [2.ed.].- São Paulo : Perspectiva, 2015.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva, 2015. - (Estudos; 62 / dirigida por J. Guinsgurg).

SPRITZER, Mirna. Poética da Escuta. Artigos - Revista Voz e Cena - Brasília, v. 01, nº 01, janeiro-junho/2020 - pp. 33-44. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/vozecena/>

TOURINHO, L. Lígia. Um Estudo de Construção da Personagem a partir do Movimento Corporal. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Artes do Instituto de Artes da UNICAMP, Campinas, 2004.

Sites

<https://e-galaxia.com.br/produto/pequenos-monologos-para-mulheres/> Acessado em junho de 2022.

<https://portal.unila.edu.br/institucional> Acessado em junho de 2022.

<https://portal.unila.edu.br/proex/acoes-extensao> Acessado em junho de 2022.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Su%C3%ADtes_para_Violoncelo Acesso em junho de 2022.

<https://www.afonsoilson.com/bio> Acesso em junho de 2022.

https://www.wikifox.org/pt/wiki/Su%C3%ADtes_para_Violoncelo Acessado em junho de 2022.